

## COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA INFÂNCIA E O PAPEL DA FAMÍLIA

Larissa Líbio<sup>1</sup>

Dulce Grasel Zacharias<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho apresenta a discussão de dois casos clínicos de psicoterapia infantil relacionado ao comportamento agressivo e o contexto familiar. Na infância, a expressão do comportamento agressivo pode ser observada e tende a chamar a atenção nos ambientes em que a criança transita. Além disso, a agressividade quando manifestada de forma intensa e persistente pode se mostrar um obstáculo para o desenvolvimento emocional, afetivo e social das crianças. Neste sentido, estudos apontam que o contexto familiar pode influenciar ou mesmo sustentar estas expressões. Os dados apresentados configuram um estudo de caso e correspondem aos atendimentos realizados a duas crianças em um serviço-escola: uma menina de 07 anos e um menino de 09 anos de idade, ambos em psicoterapia individual. Os dados demonstram que a agressividade e atitudes transgressoras manifestadas pelos pacientes em discussão se sustentam em dificuldades nos padrões de interação da família em que os papéis se mostram confusos e onde a autoridade e os limites não são impostos, deixando-os sem referências. Frente a este contexto em que não encontram figuras de apoio para impor-lhes o limite ou mesmo diante de uma hierarquia ineficaz, os pacientes atuam, buscando, através da transgressão e da agressividade solicitar a atenção de suas famílias numa tentativa de reconhecer figuras de referência. Portanto, compreende-se que as práticas educativas parentais devem contemplar a afetividade e os limites de forma complementar.

**Palavras-chave:** Infância; Agressividade; papel da família; abordagem sistêmica.

### INTRODUÇÃO

A infância contempla uma das fases mais importantes do desenvolvimento humano e tem sido extensivamente estudada. Nesta fase a expressão do comportamento agressivo pode ser observada e tende a chamar a atenção nos ambientes em que a criança transita, uma vez que pode indicar uma reação a algo que ela não está conseguindo manejar de forma adequada. Basaglia e Souza (2015) apontam para uma complexa rede de fatores que envolvem a expressão do comportamento agressivo em crianças e salientam a influência dos cuidados parentais. Neste sentido, este estudo propôs-se analisar dois casos clínicos de crianças em

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul e estagiária do Serviço Integrado de Saúde (SIS) da Abordagem Sistêmica.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul; Orientadora de estágio curricular do Serviço Integrado de Saúde (SIS) na Abordagem Sistêmica.

psicoterapia individual em um serviço-escola, a fim de compreender as possíveis implicações dos padrões de interação familiar no desenvolvimento e manutenção de seus comportamentos agressivos.

Os dados apresentados configuram um estudo de caso e correspondem aos atendimentos realizados a duas crianças: uma menina de sete anos e um menino de nove anos de idade, ambos em psicoterapia individual. Para Fonseca (2002) o estudo de caso pode visar apresentar uma perspectiva integral e coerente de um fenômeno a partir do ponto de vista daquele que investiga. Cabe ressaltar que os casos foram escolhidos intencionalmente por apresentarem semelhanças quanto às demandas para terapia, bem como do contexto e influência familiar nos sintomas evidenciados. O trabalho foi realizado ao longo do Estágio Integrado III e IV do curso de Psicologia, no Serviço Integrado de Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

## **DESCRIÇÃO DOS CASOS**

Maria (nome fictício) tem sete anos, está no primeiro ano do ensino fundamental e foi encaminhada ao Serviço devido a episódios de agressividade, dificuldades de aceitar regras e respeitar limites. Seus pais são separados e, ao ingressar ao serviço, residia com o pai e os avós paternos, visitando a mãe quinzenalmente. Na época da separação dos pais, Maria estava com um ano e seis meses e, desde então, passou a residir com os avós e o pai. Os pais apresentavam dificuldades em estabelecer comunicação e os cuidados de Maria eram exercidos, de maneira integral, pela avó paterna.

João (nome fictício) tem nove anos, está no terceiro ano do ensino fundamental e foi encaminhado para terapia devido à agressividade com os colegas, hiperatividade e dificuldade em aceitar regras. Os pais de João se separaram antes do nascimento do menino e, desde os três meses, ficou sob os cuidados da avó paterna e de seu pai, visitando sua mãe quinzenalmente. Os pais de João evidenciavam uma relação conflituosa, não conseguindo manter diálogo acerca do cuidado do filho. O pai do menino fazia uso de drogas e em muitos momentos esteve ausente da vida do filho devido a recorrentes internações. Desta forma, sua avó paterna era quem realizava seus cuidados.

## CONTEXTO FAMILIAR E COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA INFÂNCIA

A agressividade quando manifestada de forma intensa e persistente pode se apresentar como obstáculo para o desenvolvimento emocional, afetivo e social das crianças (SILVA et al, 2015). Os autores acrescentam que a agressividade pode, ainda, estar associada a dificuldades de interação, impulsividade, dificuldades de aprendizagem, entre outros aspectos. Petrucci, Borsa e Koller (2014, p. 377) citam Coie e Dodge (1998) para definir o conceito de comportamento agressivo, considerando este como “todo ato ou conduta praticado com a intenção de causar qualquer tipo de dano à outra pessoa ou grupo”. Luz (2008) ao recordar os achados de Winnicott, reflete que é da natureza humana a tendência à agressividade. No entanto, as pessoas a manifestam de modos diferentes.

No que tange ao caso de João, a agressividade manifestada por ele se observava na escola quando era contrariado por colegas e professores. Utilizava-se da força física (socos, empurrões, pontapés) para agredir os colegas e também de agressões verbais com os professores e com sua avó. Já Maria evidenciava comportamentos desafiadores, especialmente com a avó, demonstrando dificuldade em aceitar os limites, respondendo de forma agressiva em alguns momentos. Em seu contexto familiar, havia histórico de violência, praticada pelo pai à mãe da menina.

Luz (2008) coloca que a agressividade pode estar a serviço de uma tentativa de comunicação da realidade interior da criança que está lhe incomodando e que o ambiente em que se encontra inserida necessita auxiliá-la a recuperar a confiança. A dificuldade de João e Maria de exibirem comportamentos assertivos, resolvendo seus conflitos de maneira não violenta, indica a carência de recursos afetivos para lidar com estas situações, agindo de maneira impulsiva e violenta quando contrariados.

Tanto João quanto Maria tiveram seus cuidados exercidos por suas avós paternas, tendo pouco contato com suas mães ao longo do crescimento. Mainetti e Wanderbroocke (2013) afirmam que à medida que os avós passam a exercer o cuidado com os netos de modo mais ativo, os pais tendem a não assumirem ou então assumirem parcialmente suas funções parentais. Desta forma, observa-se que no caso de João e Maria, o cuidado materno foi delegado às avós. Ambos demonstravam na psicoterapia dificuldades em distinguir os papéis em suas famílias, reconhecendo em suas avós a figura de mãe.

Petrucci, Borsa e Koller (2014) enfatizam que as práticas educativas parentais podem se apresentar como responsáveis por comportamentos agressivos na infância, isto é, um

padrão de comportamento coercitivo. Luz (2008) aponta para o fato de que um ambiente familiar reconhecido pela criança como inseguro, nos quais não se sintam aceitas ou amadas, tende a promover reações através da agressividade com o objetivo de solicitar a atenção e o controle dos adultos. As manifestações de agressividade de João podem ser reflexos de um ambiente familiar instável caracterizado pelas frequentes ausências de seu pai devido a internações para tratamento da dependência química. Maria apresentava um relacionamento distante e inconsistente com a mãe, não aprovando muitos de seus comportamentos. Pode-se apontar que frente ao distanciamento das figuras parentais tanto João quanto Maria vincularam-se às suas avós paternas enquanto membros de sua rede de apoio, buscando nelas compensar o distanciamento do pai e da mãe.

Um aspecto importante nestes dois casos refere-se à presença de hierarquias muito frágeis nas famílias de João e Maria. No caso de João, o pai e a mãe não assumiam o papel de impor limites. A avó de João tentava adotar uma postura mais enérgica frente à indisciplina e agressividade do neto, mas em muitos momentos cedia às suas vontades para acalmá-lo. No caso de Maria, seu pai era reconhecido como figura de autoridade pela menina, mas na sua ausência sua avó não exercia esta postura de estabelecer limites, permitindo que a neta realizasse suas vontades.

Nichols e Schwartz (2007) colocam que as hierarquias frágeis refletem em um sentimento de desproteção aos membros mais jovens da família devido à ausência de orientação. Os autores acrescentam a importância de uma hierarquia funcional para que a família encontre o equilíbrio e estabilidade. Desta forma, a agressividade e atitudes transgressoras de João e Maria apontam para dificuldades nos padrões de interação da família em que os papéis se mostravam confusos e onde a autoridade e os limites não eram impostos, deixando-os sem referências. Frente a este contexto em que não encontravam figuras de apoio para impor-lhes o limite ou mesmo diante de uma hierarquia ineficaz, João e Maria atuavam, buscando, através da transgressão e da agressividade solicitar a atenção de suas famílias numa tentativa de reconhecer figuras de referência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos casos clínicos expostos observa-se a importância do contexto familiar no comportamento infantil. Tanto Maria quanto João evidenciavam relações parentais, especialmente com suas mães, frágeis e inconsistentes, produzindo uma sensação de

insegurança. Estes comportamentos parecem demonstrar a busca de Maria e João por referências, forçando aqueles que estão ao seu redor a impor-lhes limites.

Cabe aos responsáveis pelas crianças a tarefa de amar (através do cuidado e afeto) e frustrar (colocar limites, delimitar o certo e o errado). Muitos comportamentos na infância considerados inadequados resultam de práticas educativas que não contemplam de forma equilibrada estes aspectos. Alguns exibem a carência de afeto e limites e outros demonstram o excesso destes elementos, em geral, separadamente. Por isso, compreende-se que as práticas educativas parentais devem contemplar a afetividade e os limites de forma complementar.

## REFERÊNCIAS

BASAGLIA, A.; SOUZA, M. Dificuldades de maternagem em um grupo de mães de crianças agressivas. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, v. 17, n. 1, p. 15-25. São Paulo, SP, jan-abr. 2015.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

LUZ, Iza Rodrigues. *Agressividade na primeira infância: um estudo a partir das relações estabelecidas pelas crianças no ambiente familiar e na creche*. São Paulo: Cortez, 2008.

MAINETTI, A. C.; WANDERBROOKE, A. C. N. S. Avós que assumem a criação de netos. *Pensando famílias*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 87-98, jul. 2013.

NICHOLS, M.; SCHWARTZ, R. *Terapia familiar: conceitos e métodos*. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PETRUCCI, G.; BORSA, J.; KOLLER, S. As práticas educativas parentais e o manejo da agressividade na infância. In: BORSA, J.; BANDEIRA, D. (Orgs.). *Comportamento agressivo na infância: da teoria à prática*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 377-390, 2014.

SILVA, Izabella Alvarenga, et al. Considerações sobre a agressividade infantil. *Revista de Educação e Ensino (Eseba)*, ano 17, n. 21, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/viewFile/30239/18026>>. Acesso em: 06 set. 2016.